



RELAÇÃO EDUCAÇÃO BÁSICA E ESQUIZOFRENIA PARANOIDE

GLÁUCIO DIRÉ FELICIANO; RAQUEL RODRIGUES DA COSTA

RESUMO

Este estudo de revisão bibliográfica intitulado "Relação educação básica e esquizofrenia paranoide" investiga como se dá a escolarização de pessoas com esquizofrenia paranoide no sistema de ensino, buscando compreender como essa condição afeta a capacidade de processar informações, a memória, atenção, raciocínio e, consequentemente a aprendizagem das pessoas afetadas, podendo influenciar de forma relevante, a execução de atividades acadêmicas e, como escola e professores lidam com esses desafios. Ao sintetizar e analisar estudos e pesquisas científicas relevantes, este estudo explora a necessidade premente de conscientização, empatia, recursos adequados e políticas públicas para garantir um ambiente de aprendizado inclusivo e de apoio. O objetivo geral deste artigo de revisão consiste em examinar como acontece a escolarização de indivíduos diagnosticados com esquizofrenia paranoide, buscando uma compreensão a fim de elucidar qual o impacto e quais os prejuízos funcionais no desempenho de atividades educacionais, ao reunir e analisar as evidências existentes, busca-se apresentar uma visão crítica e atualizada, apontando lacunas no conhecimento e incentivando uma compreensão mais detalhada e a busca por práticas educacionais mais inclusivas. Para a elaboração desta revisão bibliográfica, foi realizada uma pesquisa em plataformas digitais. A educação é fundamental na disseminação de informações precisas e na desconstrução de estigmas a respeito da esquizofrenia paranoide. O ambiente escolar deveria ser um espaço de aprendizado, crescimento e inclusão para todos os alunos. No entanto, infelizmente, nem sempre é o caso, especialmente quando se trata de questões de saúde mental. Na escola, onde a interação social é fundamental, os alunos com esquizofrenia paranoide passam por diversos desafios. O estigma em torno dessa condição pode levar à discriminação e ao isolamento.

Palavras-chave: Escolarização; transtorno mental; funções cognitivas.

1 INTRODUÇÃO

A esquizofrenia paranoide é um distúrbio mental conhecido por mudanças significativas na percepção da realidade, pensamentos desorganizados e presença de delírios e alucinações. Além desses sintomas, muitas pessoas que vivem com essa condição também apresentam dificuldades cognitivas, afetando sua capacidade de processar informações, sua memória, atenção, raciocínio e, consequentemente sua aprendizagem.

A compreensão das alterações cognitivas e as dificuldades de pessoas diagnosticadas com esquizofrenia paranoide têm sido objeto de estudo e pesquisa, uma vez que essas mudanças podem influenciar de forma relevante o desempenho das atividades diárias e acadêmicas desses indivíduos. A identificação e a análise de tais alterações são essenciais para o desenvolvimento de intervenções educacionais eficazes e para a melhoria do prognóstico dessas pessoas.

A escolarização de pessoas com esquizofrenia é fundamental não apenas para o desenvolvimento individual, mas também para a edificação de uma comunidade mais equitativa e empática. A educação exerce um papel fundamental na vida de qualquer indivíduo, e isso não é diferente para aqueles que vivem com esquizofrenia. Apesar dos desafios que enfrentam, o

acesso à educação é um direito fundamental que tem a capacidade de exercer grande impacto positivo na vida dessas pessoas.

Por meio da escolarização, esses indivíduos têm a oportunidade de adquirir conhecimento, desenvolver habilidades e explorar seus interesses, contribuindo assim para sua autonomia e qualidade de vida. Além disso, a educação proporciona ferramentas para enfrentar os desafios associados à condição e para lidar com possíveis estigmas e discriminações.

Todavia durante os últimos anos com a evolução do tratamento, através do descobrimento de novos fármacos e o desenvolvimento das terapias, os sintomas têm sido minimizados e o transtorno estabilizado, transformando a vida das pessoas com esquizofrenia, que deixaram de viver em manicômios e puderam ser inseridos na sociedade em geral, permitindo até a continuidade de estudos e atividades laborais. Contudo esse desenvolvimento não foi acompanhado por transformações sociais que garantisse a participação dos indivíduos com esquizofrenia na vida cotidiana, sendo um grande desafio até os dias atuais (Costa; Costa; Bezerra, 2022, p. 50).

Na interseção entre educação e esquizofrenia paranoide, emerge a necessidade premente de conscientização, empatia, recursos adequados e políticas públicas para garantir um ambiente de aprendizado inclusivo e de apoio. A educação é fundamental na disseminação de informações precisas e na desconstrução de estigmas a respeito da esquizofrenia paranoide. Professores, estudantes e a comunidade escolar em geral podem se beneficiar de programas educacionais que abordam não apenas os aspectos clínicos e sintomatologia da condição, mas também os desafios pelos quais passam os indivíduos que vivem com ela. Ao entender melhor as experiências e necessidades desses alunos, os educadores podem adaptar suas abordagens pedagógicas e criar ambientes mais inclusivos e acolhedores.

Para Da Silva Neto (2018), a instituição de ensino contribui de maneira fundamental na formação dos alunos, colaborando para o seu desenvolvimento cultural, social e cognitivo, sendo imprescindível para a construção de cidadãos. É essencial ressaltar que, para garantir a inclusão de estudantes com necessidades especiais e outras demandas, é necessário que a equipe escolar esteja devidamente qualificada e que haja recursos pedagógicos disponíveis. Nesse sentido, é essencial promover discussões que envolvam diversos atores da comunidade escolar, como professores, coordenadores, diretores, funcionários, familiares e alunos, visando garantir que a matrícula desses estudantes não seja apenas uma questão legal, mas sim uma garantia de atendimento por uma equipe capacitada.

Esse trabalho é importante ao oferecer uma revisão sobre a escolarização de pessoas com esquizofrenia paranoide. Dada a complexidade e a diversidade deste transtorno mental, analisar de acordo com a literatura atual, como se dá a escolarização das pessoas afetadas, esse estudo não apenas enriquece a compreensão da comunidade acadêmica, como também apresenta informações valiosas para direcionar futuras investigações e práticas educacionais mais inclusivas.

O objetivo geral deste artigo de revisão consiste em examinar como acontece a escolarização de indivíduos diagnosticados com esquizofrenia paranoide, buscando uma compreensão a fim de elucidar qual o impacto e quais os prejuízos funcionais no desempenho de atividades educacionais, ao reunir e analisar as evidências existentes, busca-se apresentar uma visão crítica e atualizada, apontando lacunas no conhecimento e incentivando uma compreensão mais detalhada e a busca por práticas educacionais mais inclusivas.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração desta revisão bibliográfica, foi realizada uma pesquisa detalhada nas plataformas digitais PubMed, PsycINFO e Scopus. A abordagem de busca foi estruturada com termos associados à esquizofrenia paranoide, educação básica e alterações de funções cognitivas, envolvendo palavras-chave como "esquizofrenia", "funções cognitivas" e

"escolarização". A pesquisa foi limitada a publicações dos últimos 10 anos, assegurando a consideração dos estudos mais atualizados.

Incluíram-se na análise pesquisas originais, revisões sistemáticas e meta-análises que examinaram de forma específica a relação entre a escolarização e as alterações das funções cognitivas em pessoas com esquizofrenia paranoide. Foram desconsideradas pesquisas que não tratavam diretamente de funções cognitivas na esquizofrenia, assim como aquelas que não estavam acessíveis em inglês.

Após a pesquisa preliminar, os títulos e resumos dos artigos foram examinados separadamente por dois avaliadores para verificar sua relevância. Se surgissem divergências, um terceiro revisor foi consultado para um consenso. Os artigos escolhidos foram adquiridos na totalidade para uma análise mais aprofundada.

Foi realizada uma análise crítica da qualidade metodológica dos estudos selecionados, levando em consideração aspectos como estrutura do estudo, a dimensão da amostra e a validade dos resultados. Essa análise foi essencial para contextualizar e interpretar as conclusões expostas na revisão.

As restrições que surgem da revisão, como a seleção de estudos em inglês e o limite de tempo, foram abordadas para oferecer uma visão clara das possíveis influências sobre os resultados.

Por meio da adoção desses procedimentos metodológicos, esta revisão bibliográfica pretende oferecer uma avaliação completa e imparcial das implicações que ocorrem na escolarização de com esquizofrenia paranoide apresentadas na literatura, auxiliando na compreensão atual do tema e apontando novas possibilidades para investigações futuras.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os estudos de Candiani (2017), diversas ações são necessárias para que os indivíduos com esquizofrenia consigam ter uma vida saudável em comunidade. Nesse sentido, a escola desempenha uma função importante para esses jovens, já que oferece um ensino formal e incentiva a interação entre os estudantes. Para garantir que as instituições estejam preparadas para acolher pessoas com necessidades especiais, é essencial que estejam atentas aos detalhes que, se modificados, podem contribuir para a inclusão e adaptação desses alunos com necessidades especiais.

A escola atual foi projetada para atender a um determinado tipo de estudante, no entanto, atualmente os alunos apresentam uma ampla diversidade, o que demanda uma revisão da escola, incluindo a aceitação de todos, inclusive com medidas personalizadas de atendimento. A construção de um ambiente escolar apropriado para estudantes com habilidades de aprendizagem distintas exige profissionais e educadores qualificados para atender às particularidades de cada um. Aqueles que valorizam a diversidade de seus alunos demonstram uma abordagem mais empática e equitativa, visando promover o respeito mútuo e preparar indivíduos conscientes para lidar de forma construtiva com as diversidades (Rocha, 2017).

De acordo com Miranda, Bartz e Luiz (2020), recomenda-se que estudantes com esquizofrenia recebam atenção de especialistas qualificados, como pedagogos e psicólogos da educação, a fim de oferecer suporte adequado, desenvolvendo planos de estudo personalizados com base em suas necessidades específicas.

A identificação da esquizofrenia ainda em sua fase inicial é importante, pois o tratamento precoce está associado a melhores resultados a longo prazo. Identificar os primeiros sinais de esquizofrenia em alunos é uma responsabilidade que recai frequentemente sobre os professores, que acompanham o desenvolvimento e comportamento dos estudantes cotidianamente. Essa habilidade de detecção precoce pode ser fundamental para garantir que os alunos recebam o apoio necessário o mais cedo possível, potencialmente impactando de forma positiva em seu bem-estar e sucesso acadêmico a longo prazo. É essencial entender que a

esquizofrenia muitas vezes se manifesta durante a adolescência ou no início da idade adulta, justamente quando os jovens estão frequentando a escola.

Nesse sentido, destaca-se que os professores são frequentemente os primeiros adultos fora da família a notar essas mudanças. Ao estarem informados sobre os sinais de alerta da esquizofrenia, eles podem intervir precocemente, encaminhando os alunos para avaliação e apoio profissional adequados. Isso pode evitar que os sintomas piorem e ajudar os estudantes a receberem o tratamento e o suporte de que precisam o mais rápido possível.

Ao identificar esses sinais, os professores atuam na busca de apoio e encaminhamento adequado para os alunos. Isso pode envolver a comunicação com os pais ou responsáveis, bem como o encaminhamento para profissionais de saúde mental qualificados, como psicólogos ou psiquiatras e têm a possibilidade de adaptar suas abordagens de ensino e fornecer apoio adicional ao estudante, garantindo que suas necessidades acadêmicas, físicas e emocionais devem ser satisfatoriamente atendidas.

De acordo com Costa; Costa e Bezerra (2022), a escassez de conhecimento é o principal motivo para a disseminação de ideias falsas sobre a esquizofrenia, por isso é fundamental promover iniciativas educativas para todos os profissionais.

É importante destacar que a identificação dos primeiros sinais de esquizofrenia não é uma tarefa fácil e requer sensibilidade, empatia e formação adequada. Os professores não são profissionais de saúde mental, mas exercem um papel fundamental como observadores atentos do desenvolvimento dos alunos. Portanto, investir em programas de formação e conscientização sobre saúde mental para educadores pode ser uma estratégia eficaz para melhorar a capacidade de identificação e apoio a alunos que possam estar enfrentando desafios relacionados à esquizofrenia ou a outros transtornos mentais.

Segundo Costa; Costa e Bezerra (2022), os professores expressam uma sensação de desapontamento, pois mencionam a ausência de debates sobre esse assunto durante sua formação acadêmica. Muitos afirmam que não foram devidamente preparados para lidar com indivíduos com necessidades especiais. Além disso, a falta de apoio e estrutura em diversas escolas torna evidente o comprometimento e desejo desses profissionais de promover a inclusão, mesmo que se sintam perdidos diante do desafio do ensino e aprendizagem. Isso ocorre devido à escassez de alternativas e recursos disponíveis, aliado à falta de conhecimento sobre a condição em questão.

O ambiente escolar deveria ser um espaço de aprendizado, crescimento e inclusão para todos os alunos. No entanto, infelizmente, nem sempre é o caso, especialmente quando se trata de questões de saúde mental. Na escola, onde a interação social é fundamental, os alunos com esquizofrenia paranoide passam por diversos desafios. O estigma em torno dessa condição pode levar à discriminação e ao isolamento. Os colegas podem não entender o comportamento desses alunos, interpretando-o de maneira equivocada ou até mesmo temendo-o. Isso cria uma atmosfera de exclusão, onde os estudantes com esquizofrenia paranoide se sentem marginalizados e incompreendidos.

O preconceito também pode se manifestar entre os professores e outros funcionários da escola. Eles podem ter expectativas reduzidas em relação ao desempenho acadêmico desses alunos, subestimando suas habilidades e potencial. Além disso, a falta de conhecimento sobre a condição pode resultar em respostas inadequadas a comportamentos relacionados à esquizofrenia paranoide, como paranoia ou alucinações, o que pode piorar a situação do aluno.

É importante reconhecer que a escolarização e inclusão de indivíduos com transtorno esquizofrênico exigem um apoio adequado e personalizado. Isso pode incluir acompanhamento psicológico, adaptações no ambiente de aprendizado e programas de suporte educacional. Com os recursos e o suporte adequados, essas pessoas podem alcançar seu pleno potencial acadêmico e pessoal, desafiando assim os estigmas e preconceitos que cercam a esquizofrenia. Os professores e funcionários devem ser treinados para reconhecer os sinais e sintomas da

esquizofrenia paranoide e saber como oferecer o suporte adequado.

Para Freitas e Baqueiro (2014), é essencial que as instituições de ensino em todos os níveis proporcionem não só o acesso, mas também a adaptação e suporte necessários para a permanência desses estudantes. Pessoas com deficiência, em particular aquelas com deficiência intelectual/mental, ainda enfrentam situações de exclusão no ambiente escolar.

A inclusão escolar, além de ter um papel terapêutico, faz como que ela seja acessível para todos os alunos, colaborando com o aprendizado e enfrentamento das dificuldades para o indivíduo com esquizofrenia, como também para incentivar o respeito e a cooperação entre os demais alunos (Costa; Costa; Bezerra, 2022).

Outro desafio é a falta de sensibilização e capacitação adequadas entre profissionais de saúde, educadores, empregadores e membros da comunidade em geral. A falta de compreensão sobre transtornos mentais pode levar a respostas inadequadas, como discriminação no local de trabalho, na escola ou exclusão social.

Como nos casos de se respaldarem em laudos pelo insucesso do aluno diante da aquisição de um conteúdo, promovendo-o a passar de ano sem as devidas intervenções e adaptações. Problema que vai cada vez mais aumentando e se enraizando na educação, especialmente nas escolas públicas (Costa; Costa; Bezerra, 2022, p. 54).

Fideles (2020) reforça a importância de desenvolver abordagens que incluam todos os colaboradores da instituição de ensino, desde os que prestam suporte, como os técnicos administrativos e os profissionais da limpeza, até o corpo docente, uma vez que o aluno é parte da escola e não apenas de um professor.

Os sintomas positivos, negativos e cognitivos da esquizofrenia podem criar uma série de desafios que interferem no processo educacional de diversas maneiras. As alucinações, delírios e pensamento desorganizado, podem causar distração significativa e distorcer a percepção da realidade, tornando difícil distinguir o que é real do que não é, o que leva a interpretações errôneas de informações e dificulta a assimilação de novos conhecimentos. Isso pode atrapalhar a concentração em sala de aula e a assimilação de informações.

Além disso, os sintomas cognitivos, como dificuldade de concentração, confusão mental e falta de clareza de pensamento, podem prejudicar a capacidade de processar e reter informações. Isso pode levar a dificuldades em acompanhar o fluxo das aulas, assimilar novos conceitos e completar tarefas acadêmicas. Por exemplo, a confusão mental pode tornar desafiador para uma pessoa com esquizofrenia organizar seus pensamentos de forma coerente, dificultando a expressão de ideias em trabalhos escritos ou apresentações orais. A codificação e o armazenamento das informações na memória podem ser comprometidos devido à desorganização do pensamento e à interferência dos sintomas do transtorno.

Em conjunto, esses sintomas podem criar uma barreira significativa para a aprendizagem e o desenvolvimento acadêmico dessas pessoas. É fundamental que educadores e profissionais de saúde mental reconheçam esses desafios e trabalhem em conjunto para fornecer o suporte necessário. Isso pode incluir adaptações no ambiente educacional, estratégias de ensino diferenciadas, apoio emocional e acesso a serviços de saúde mental. Ao abordar as necessidades específicas das pessoas com esquizofrenia, é possível ajudá-las a superar esses desafios e alcançar seu potencial máximo na educação e na vida.

Romanha (2012) investigou a trajetória acadêmica de alunos com esquizofrenia, destacando suas lembranças durante o tempo escolar, revelando que os itens mais cruciais são: a dinâmica do ensino-aprendizagem, os vínculos dentro do ambiente escolar, além das medidas direcionadas à expressão de afeto demonstrada na interação com o suporte. Igualmente observou que os obstáculos enfrentados por esses alunos em termos cognitivos são equivalentes aos do aluno regular. Neste levantamento, foi constatado que, ao apresentarem sintomas psicóticos e serem diagnosticados com esquizofrenia, muitos estudantes tiveram que

interromper sua trajetória educacional, frequentemente antes de terminarem o ensino médio, com idades entre quinze e dezoito anos. Alguns optaram por cursar o ensino supletivo para conseguirem concluir os estudos.

Muitas pessoas com esquizofrenia enfrentam dificuldades em desempenhar atividades laborais e acadêmicas, por não conseguirem viver de maneira independente, baixa autoconfiança e ansiedade. Nesse sentido, é importante destacar que tais indivíduos podem enfrentar obstáculos significativos no ambiente educacional, já que esses aspectos podem resultar em experiências desfavoráveis ao longo desse processo (Silva *et al.*, 2022).

De acordo com Vicente, Higarashi e Furtado (2015), recentemente, no Brasil, as autoridades governamentais começaram a reconhecer a importância da saúde mental infantil como uma questão de interesse público. Anteriormente, as iniciativas nesse sentido eram atribuídas principalmente aos setores de educação e assistência social. Os transtornos mentais crônicos na infância e adolescência afetam não apenas o bem-estar físico dos jovens, mas também trazem desafios diários que acabam impactando toda a família, requerendo a intervenção de diversos profissionais, incluindo os da área educacional.

É importante reconhecer que não há uma abordagem única para a aprendizagem de pessoas com esquizofrenia, pois as necessidades e capacidades de cada indivíduo são únicas. Algumas pessoas podem se beneficiar de técnicas de aprendizagem específicas, como a quebra de informações em partes menores e mais gerenciáveis, o uso de recursos visuais ou a prática de exercícios de atenção plena para melhorar a concentração.

4 CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo examinar a escolarização de indivíduos diagnosticados com esquizofrenia paranoide, buscando uma compreensão a fim de elucidar qual o impacto e quais os prejuízos funcionais no desempenho de atividades educacionais e a busca por práticas educacionais mais inclusivas. Verificou-se que levando em consideração a complexidade, e os múltiplos prejuízos que a esquizofrenia pode acarretar em diversos aspectos da vida das pessoas e seguindo as ideias de redefinição dos conceitos de transtorno mental e cuidados psiquiátricos, é fundamental adotar uma nova abordagem em relação a esses indivíduos, permitindo que sejam ouvidos, acolhidos e valorizados na busca por um novo significado para lidar com a esquizofrenia.

É importante reconhecer que cada pessoa com esquizofrenia é única, e os desafios específicos enfrentados no aprendizado podem variar de acordo com a gravidade dos sintomas e outros fatores individuais. No entanto, é fundamental fornecer suporte e recursos adequados para ajudar os indivíduos com esquizofrenia a superar esses obstáculos e alcançar seu potencial máximo de aprendizado e desenvolvimento.

Dessa forma, torna-se relevante que professores e demais colaboradores de instituições de ensino compreendam melhor a natureza da esquizofrenia e seus efeitos sobre os alunos, a fim de promoverem um ambiente escolar mais acolhedor e solidário, combatendo o estigma e promovendo a empatia entre os colegas.

REFERÊNCIAS

CANDIANI, M. **A escola e a criança/adolescente com transtorno mental: Política de Inclusão Escolar**, 2017

COSTA, A. L. dos S.; COSTA, L. R. M. S.; BEZERRA, C. W. B. **Escolarização e desafios da inclusão de pessoas portadoras de esquizofrenia**. 2022. 32 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química) - Universidade Federal do Maranhão, Departamento de química. São Luís, MA, 2022.

DA SILVA NETO, A. de O.; *et al.* Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, [s. l.], v. 31, n. 60, p. 81–92, 2018.

FIDELES, F. G. **O ensino de química e o aprendiz autista**. In: Anais VI CONEDU. Campina Grande, PB: Realize Editora, 2019.

FREITAS, M. A. G.; BAQUEIRO, D. F. A. **Políticas públicas e as pessoas com deficiência no ensino superior no contexto brasileiro**. In: VIII Seminário Regional de Política e Administração da Educação do Nordeste, Salvador, BA, 2014.

MIRANDA, T. M.; BARTZ, A. de L. V. B. **Esquizofrenia e o processo educacional**. In: Anais do Simpósio Nacional de Educação, XXVII Semana da Pedagogia e I Mostra da Pós-Graduação, Uniãoeste, Paraná, 2020.

ROCHA, A. B. de O. O papel do professor na educação inclusiva. **Ensaio Pedagógico**, [s. l.], v. 7, n. 2, 2017.

ROMANHA, R. **Memórias e vivências escolares de portadores de esquizofrenia e seus familiares**. In: IX Seminário ANPED SUL, Caxias do Sul, 2012.

SILVA, P. F. da; SOUSA, H. W. O. e; FOGAÇA, F. F. S. Esquizofrenia: aspectos etiológicos, fatores de risco associados e os impactos na educação de ensino superior. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, TO, v. 9, n. 08, 2022.

VICENTE, J. B.; HIGARASHI, I. H.; FURTADO, M. C. de C. Transtorno mental na infância: configurações familiares e suas relações sociais. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 107-114, 2015.